Sérgio Buarque de Holanda: "Sou apenas o pai do Chico"

Maria Angélica Carvalho

Recentemente, no lançamento de uma publicação promocional ("Os caminhos do Brasil", da Rhodia S.A.), dedicada à sua "retidão" e "modelo intelectual", o historiador Sérgio Buarque de Holanda surpreendeu-se com a rapidez da saída dos duzentos exemplares reservados para que ele autografasse. "Só não assinei mais porque tinha acabado o estoque", disse, achando engraçado autografar um livro que não escreveu, apenas "inspirou". Mas, aos 76 anos, Sérgio Buarque de Holanda já se habituou aos fatos curiosos de sua vida. Destes, o mais notório foi, certamente, ter-se transformado em "pai do Chico", desde que o compositor ficou famoso com a música "A banda".

Para o historiador, o brasileiro continua sendo um "homem cordial". Ou seja, age com o coração.

Até 1966, quando "A banda" passou ruidosamente pelo Festival de Música Popular da Record e atropelou todas as outras músicas das paradas durante meses, o então estreante Chico Buarque de Holanda era visto como "o filho do historiador Sérgio". Depois do sucesso, os papéis inverteram-se. E o historiador (cujo livro mais conhecido e traduzido no exterior, "Raízes do Brasil", está em 11.a edição) passou a ser "o pai do compositor".

Sérgio Buarque de Holanda participou do Movimento Modernista de 1922, quando fundou a revista *Estética*, ao lado de Prudente de Moraes, neto. É autor dos livros "História do Brasil", em colaboração com Otávio Tarquínio de Souza (1944), "Monções" (1945), "A expansão paulista do século XVI e começo do século XVII" (1948), "Índios e mamelucos na expansão paulista" (1949), "Le Brésil dans la vie américaine" (Neuchâtel, Suíça, 1955), "Visão do paraíso", "Os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil" (1959), "Brasil-Império" (Santiago do Chile, 1963). Foi diretor do Museu do Ipiranga, vice-presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, trabalhou na Biblioteca Nacional, no Rio, onde criou o projeto "Biblioteca Popular Brasileira" (para edições a preços baixos), supervisionou a volumosa "História Geral da Civilização Brasileira" (1967). E aposentou-se em 1969, quando era catedrático de História da Civilização na USP, em solidariedade aos professores daquela instituição, punidos, na época, por suas idéias políticas. "Eu já estava mesmo pra me aposentar", diz ele, mas o fato é que antecipou sua saída da Universidade. E, com isso, hoje ele forma ao lado dos quarenta professores e pesquisadores expurgados da USP em 1969 — entre eles Florestan Fernandes, Mário Schemberg, Vilanova Artigas (prêmio *Fellow* do Instituto Internacional dos Arquitetos), Paulo Duarte e Caio Prado Jr.

Sem dúvida, o historiador tem um currículo invejável e um lugar definido na História recente do País. Mas o significado de sua figura pública não interfere, absolutamente, no seu jeito brincalhão.

ENXURRADA DE AUTÓGRAFOS

Para ilustrar a inversão de papéis com Chico Buarque (um de seus sete filhos), Sérgio diverte-se contando uma conferência que fez no Colégio "Des Oiseaux". Naquela ocasião, a diretora advertira as estudantes para que não se referissem ao compositor, dada a importância e "seriedade" do conferencista. "No meio da palestra eu disse que era historiador, mas era mais conhecido como o pai do Chico. Foi aquela gargalhada geral. No fim, como tinha muitos autógrafos para dar, comecei a assinar "Pai do Chico". Até as meninas que já tinham meu autógrafo quiseram que eu completasse o delas também com "Pai do Chico". Foi uma enxurrada."

A dispersão e o bom humor de Sérgio Buarque de Holanda são proverbiais. Apesar de não fugir às perguntas sobre fatos históricos brasileiros, ele não se deixa entrevistar: fala sobre o que quer (principalmente de personalidades do Movimento Modernista de 22, como Oswald e Mário de Andrade, com quem conviveu intimamente), pula de um assunto a outro, sempre fumei cigarro que presenciou ou nos quais se envolveu. Um deles, memória da infância:

— Enquanto estive no Colégio São Bento, comunguei. Mas comungava só para comer bolo de chocolate depois. Também porque achava divertido ouvir o padre perguntar no confessionário:

— Meu filho, você fez porcarrrrrrias? — Fiz. — Sozinho ou com outro? — Com OUTRA, padre. — Trezentas ave-marrrias.

E Sérgio ri. Mesmo quando faz questão de esclarecer que nunca renegou a expressão "homem cordial", cunhada por ele para definir o tipo psicológico do brasileiro.

— Eu concordo que a expressão não foi muito feliz. Mas eu não quis dizer, com ela, que o brasileiro é um tipo passivo. "Cordial" vem do latim **cor-cordis** e significa coração. A raiva e a revolta também são sentimentos "cordiais", ou seja, do coração. Com o "brasileiro cordial" eu quis dizer que ele é um sujeito emocional.

COMPOSITOR PRECOCE

Na sala de sua casa no Pacaembu — uma construção em estilo normando que quase desaparece sob as árvores, flores e trepadeiras —, Sérgio recebe simpaticamente amigos e visitantes (ainda que cheguem tarde da noite). Consulta o relógio de hora em hora, não para "despachar" a visita, mas para saber se já pode fumar outro cigarro, que, por ordem do médico, só pode ser de hora em hora: — Eu sempre fumei cigarro forte. Fumava dois maços de "Continental" por dia. Depois, na Europa, me habituei ao **Gauloises**, que tinha em todo lugar, até no Oriente Médio. Agora pararam de fabricar...

Mas a rigidez nunca fez parte do seu comportamento, e Sérgio aceita como "extra" um cigarro oferecido. Antes de acendê-lo, retira cuidadosamente o filtro.

Na sala ao lado, sua mulher Maria Amélia tece uma peça de crochê, perto do velho piano de calda que domina o ambiente. O depoimento é dela:

— Meus filhos são todos musicais. Cristina gravou com Chico, Miúcha canta, e Heloísa (a mais velha) foi quem ensinou Chico a tocar violão. Sérgio estudou sete anos de piano, e uma valsa composta por ele aos nove anos foi publicada pela revista **Tico-Tico**. Como vê, o sentido musical da família deve vir dele, não de mim.

De música, Sérgio prefere mesmo falar do filho Chico Buarque. E cantarola uma das músicas de seu último Lp, "Apesar de você", recentemente liberada pela censura:

— Veja, não tinham motivo para censurar essa música. O problema foi que alguém vistiu a carapuça.

De repente, o historiador que já fez conferências na Sorbonne, e nas universidades norte-americanas de Colúmbia, Harvard, Califórnia, Indiana, Nova Iorque e Yale, puxa de uma estante um exemplar de "Raízes do Brasil" traduzido para o japonês. E, num jeito moleque, mostra a verdadeira síntese de sua personalidade ao comentar:

— Vê? Começa de trás pra frente. E eu não tenho idéia do que está escrito aqui.